

A topologia da verdade na Psicanálise: a ética do desejo

Taciana de Melo Mafra

Para percorrer um trilho situando verdade e desejo, sobre o que desde sempre as preocupações filosóficas especularam e a literatura não cessou de abordar, é a princípio inevitável circunscrever de que lugar eles serão tratados, ou seja, qual o divisor de águas que delimita o campo dos *conceitos* psicanalíticos. Perguntar pelo campo dos conceitos já estabelece, em alguma medida, um ângulo como resposta, pois de dentro da Psicanálise esses termos tornam-se *conceitos*.

Falar de conceitos psicanalíticos é falar do legado freudiano, e esta construção não se consolida senão pela via da articulação de um conjunto de elementos que, pelo rigor científico com que é concatenado, funda-se e faz-se reconhecer como tal.

Partindo da constatação de que um conceito, para ser psicanalítico, precisa estar em relação com uma série de outros conceitos detentores do mesmo estatuto, chegamos ao ponto de situar a ordenação que os termos verdade e desejo encontram, na perspectiva do inconsciente freudiano.

Aí está dada a teia do “discurso psicanalítico”, proposto por Lacan, que conduz a uma teoria do “desejo inconsciente”. Distinguiremo-lo dos discursos filosófico, metafísico e empirista. O primeiro, apontemo-lo como o campo onde se constitui uma investigação rigorosa, que busca um saber demonstrativo constituído de certezas e, no entanto, marcado de dúvidas, para fazer valer a eficácia de qualquer possível resposta. O saber, portanto, seria uma tendência desse ser que o investiga para um bem absoluto. A procura de uma resposta como esta supõe a falta deste saber e daí resulta que o ser daquele que o questiona é desejo.

O discurso metafísico é suportado pela lógica do Divino, ditame das necessidades e imperativo das causas e dos princípios. Aí tudo encontra sentido e o ponto de vista do Todo.

Para o discurso empirista, os desejos nada mais são do que necessidades. O objeto será sempre ilusório, e especular sobre ele, tentando precisá-lo, mera alegoria.

Contudo, está posto que no discurso filosófico que questiona o ser do homem como desejo há uma falta radical do bem absoluto e, ao mesmo tempo, a miragem deste bem como ideal.

É justamente esse questionamento filosófico que mostra o homem em seu ser, a posição da teoria do inconsciente, ou seja, o “discurso analítico” de Lacan.

Mas, para isso, ele é levado a precisar o termo desejo na relação com o inconsciente e o faz assumindo a descoberta de Freud, para quem a prova possível para o inconsciente deveria ser experimental.

Freud, em sua fidelidade ao científico e marcado pelo racionalismo, pensava a Psicanálise como uma vereda da ciência experimental. Mas aí encontra toda uma gama de problemas intransponíveis, pela dificuldade de fazer depreender o inconsciente com precisão. É por essa razão que a idéia do inconsciente foi tão rejeitada por tantos homens da ciência e até da Filosofia.

Para escapar dessa encruzilhada, Lacan recorre à dedução do inconsciente pela via da linguagem, onde se fez a possibilidade da demonstração encontrando um caminho que articula o Ser e a linguagem. Assim, sustenta a posição freudiana ao discurso filosófico, pois se o desejo existe, a plenitude é radicalmente impossível.

Juranville¹ nos fala dessa topologia propondo uma síntese que diz, de outra forma, que se no discurso empirista não existe verdade, no metafísico existe uma verdade total, no filosófico uma verdade total e uma parcial e, no discurso psicanalítico, o que existe é uma verdade, mas somente parcial, ou seja: a teoria do inconsciente.

A intenção freudiana jamais esteve sintonizada com as normas sociais ou morais, mas esteve sempre atrelada à confrontação do sujeito com a verdade de seu desejo. No entanto, o ponto em que Freud é levado a esta descoberta infernal, o ponto em que inconsciente faz vértice com o desejo, não está articulado em sua obra desde os primórdios.

No final do século XIX, Freud, apesar de estar diante do desejo em seu encontro com os neuróticos, não estabelece nesse tempo de cenário do seu combate com Janet sobre a neurose, o termo desejo como recorte de suas articulações.

Falava em conversão, para diferenciar seus postulados sobre a histeria dos de Charcot e Janet e, nesse momento do desenvolvimento de sua obra, o termo energia psíquica era a senha de acesso às suas questões.

Por esses tempos, Freud pensava o sexual como atividade específica, o que havia de paradoxal nas funções psicológicas e nos comportamentos descritivos.

No artigo de 1907, “Atos obsessivos e práticas religiosas”², ele fala de medidas protetoras ou de defesa, recalcamto de um impulso pulsional, prazeres sexuais e proteção contra a tentação.

E o que Freud encontrou que fez urgir o imperativo de situar esse tão antigo desejo?

¹ Juranville, A. (1995) *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

² Freud, S. (1980[1907]). Atos obsessivos e práticas religiosas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. “Grávida” de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.

Em um trabalho de 1913, chamado “O Interesse Científico da Psicanálise”³, convoca todos a pensar sobre as articulações possíveis dessa “Ciência Nova” com as demais, apontando uma interseção em suas preocupações, a saber, o “Mal-estar”, para ele constituído pelo recalque.

Ora, quando falamos em recalque, falamos em hominização, que é mesmo a condição posta pelo seu efeito, a inserção simbólica. Decorre que desse recalque fundador do humano só podemos dizer articulando-o com aquilo que faz existir o *desejo*.

Em seus estudos sobre a histeria⁴, Freud entreviu que aquela concepção médica do fenômeno, tão dada ao deboche, não era, como se fazia parecer, uma *performance* deliberada. Não se tratava de um *querer* pelo qual tais mulheres devessem se responsabilizar, visto que se tomavam de fingimento. Havia ali uma força qualquer, desconhecida e propulsora do ataque, que mais tarde revelou-se para ele como tendo, em seu fundamento, o *desejo*.

Então, temos aí uma distinção radical desse *desejo* que se distancia, peremptoriamente, do estatuto do *querer e da necessidade*.

Encontramo-nos, portanto, no terreno do inconsciente, diante do qual Freud estabelece o marco do advento do humano, pervertendo a ordem natural harmonizada na funcionalidade simétrica do instinto, que tem, instantaneamente, um objeto à espera da necessidade.

Ao humano está dada a dramática condição da criação, já que terá de forjar, incessantemente, um objeto que represente a falta radical, a disparidade entre a pulsão e seu objeto.

À “Pulsão” Freud atribuiu a mitologia da Psicanálise, já que está situada num ponto inexorável destas articulações. O desejo, enquanto tal, está contido da marca da relação com a pulsão, e esta funda-se numa assimetria com o objeto.

Mas quando é que o desejo se apresenta nas articulações de Freud?

Em *A Interpretação de Sonhos*⁵ introduz-se a expressão *wunscherfüllung*, isto é, realização-de-desejo, e junto a ela a idéia de realização alucinatória que alude à de desejo.

No capítulo VII⁶, Freud, discorrendo sobre o modelo do aparelho psíquico, descreve o desejo como revivescência de uma inscrição de satisfação original, impulso que evoca a percepção do primeiro objeto de satisfação: “uma repetição da percepção que se achava ligada com a satisfação da necessidade.”⁷

³ Freud, S. (1980[1913]). O Interesse Científico da Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Totem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.

⁴ Freud, S. (1980[1893-1895]). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. II. Estudos sobre a histeria*. Rio de Janeiro: Imago.

⁵ Freud, S. (1980[1900]). A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. A interpretação de sonhos*. Rio de Janeiro: Imago.

⁶ Freud, S. (1980[1900]). A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. V. A interpretação de sonhos (continuação)*. Rio de Janeiro: Imago.

⁷ Freud, S. Op.Cit.:603.

Neste aparelho o desejo é tomado como “catexia alucinatória da lembrança de satisfação”⁸, formando com essa alucinação um eixo que, às vezes, mais parece de similaridade, quando, no entanto, porta uma relação de contiguidade⁹.

Mas Freud também usa nesse artigo o termo *wunsch*, para caracterizar as partículas que se articulam pela elaboração onírica, o que dimensiona uma operação própria ao registro primário, distinta do secundário, e logo faz entrever que mais do que uma realização de desejo, existe aí um desejo trabalhando, um desejo que é propulsor.

No entanto, deve haver algo que relacione esses dois registros, e Freud irá pensar em desejos ocasionais e desejos infantis ou formadores do sonho, sendo os primeiros a via através da qual os segundos se realizariam.

Designando pelo singular, o desejo que se realizaria através de desejos ocasionais, ele também o chama de desejo infantil ou, ainda, pulsão e atribui sua emergência através de uma representação, postulando ainda uma intemporalidade própria à relação com o princípio de realidade.

Indo por esse caminho, constatamos que o termo mais elaborado para Freud sobre o *desejo* é o ponto em que o relaciona com a sexualidade infantil, fazendo deste ancoradouro aquilo que produz o sonho, a partir de uma insatisfação que se representa na linguagem do pulsional.

Temos então de admitir que em Freud falta a articulação de uma teoria do desejo, encargo que Lacan toma para si.

Se para Freud a tentativa de teorizar sobre o desejo teve como resultado a referência a uma primeira experiência de satisfação, para Lacan este arsenal é tomado como uma mítica relativa ao avatar do biológico no desejo.

É nesse ponto mínimo que se torna possível pensar a hominização, num *topos* para além do natural.

Mas, como acompanhar Lacan, dada esta vereda freudiana?

Em primeiro lugar, Lacan estabelece uma ruptura com a idéia de que haveria similaridade entre o pulsional e o desejo, apontando, neste sentido, que o *desejo* é marcado de uma relação intrínseca com a ordem do biológico, no que concerne às necessidades, e com a ordem linguageira da *demanda de amor*.

Continuemos, portanto, na trilha da articulação fundamental construída por Lacan, que é a teoria do desejo.

Em 1964, em seu Seminário “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise”, Lacan diz que há algo que situará de forma a estabelecer uma função mais geral a estes conceitos, a saber, o

⁸ Freud, S. Op.cit.:637.

⁹ Conferir o verbete “Desejo” de M. David-Ménard em Kaufmann, Pierre. (1996) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, algo que os engloba e que demonstra seu valor operatório. A isso ele chamará a função do *significante*¹⁰.

Sublinhará o percurso de Freud que, através das históricas, dos seus sintomas, chegará ao desejo. Destaca que isso, ele o faz ao ouvi-las, ressaltando neste ponto que se a histórica ao falar expõe seu desejo aos olhos do Outro como desejo insatisfeito, revela a relação do desejo com a linguagem.

A demanda à qual essa operação está submetida jamais poderá ser atendida em absoluto, diante da impossibilidade de haver uma ordem natural que se baste a si mesma.

O apelo à satisfação das necessidades vitais do homem é sempre endereçado a um Outro, e por isso mesmo tem estatuto de demanda de amor.

Este Outro seria a instância que, na impossibilidade de responder simetricamente a uma demanda, irá estruturar a relação do sujeito com a linguagem.

Portanto, desejo é algo constituído no vértice entre a necessidade e o amor, a partir do que não será mais de necessidade que se trata, mas sim de demanda, pela contingência da propriedade inexistente do seu objeto.

O desejo, então, podemos pensá-lo como algo constitutivo de uma miragem, enquanto a demanda condena o homem ao simbólico.

A operação simbólica que erige a trilha do desejo a partir de um significante inaugural, é articulável na perspectiva borromeana, onde fica posta a demonstração dos dois gumes do significante, a saber, o Real e o Simbólico, num eixo que contém na extremidade seu suposto correspondente, o objeto Imaginário.

A transição para o desejo é efeito do encontro com o desejo de Outro e sua ascendência se dá através da castração, que é justamente o que confere sentido ao Outro.

Assim se dá o salto de Lacan, a partir da referência freudiana do desejo, enquanto retorno alucinatório do objeto, sublinhando a inadequação e a falta do objeto como constitutivas da linguagem.

Desde Freud está dada a virada do que toma o desejo como um fato biológico, algo da ordem da necessidade e do campo do natural, para tratá-lo como fato de linguagem. Temos isso bem demarcado em “A Interpretação de Sonhos”, marco que define que a expressão dos desejos só se pode revelar no trabalho de interpretação ao nível da linguagem.

É diante disso, admitido por Freud desde a origem de sua obra, que Lacan fará a sua grande aposta.

“O Inconsciente é estruturado como uma linguagem.” Estamos diante do principal aforismo lacaniano, do qual devemos extrair as consequências relativas à articulação da teoria do desejo.

Encontramos no desejo uma peculiaridade, que é esta de naquilo que possa parecer insuficiente, a saber, o fato de jamais encontrar um objeto que o corresponda, efetivar sua eficiência na medida em que se torna indestrutível.

¹⁰ Lacan, J. (1990[1964]) *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.19.

Mas como se dá esta engrenagem de um desejo perene, para o qual não há objeto possível, no nível da linguagem?

Lacan vai dizer que a presença do desejo é a articulação temporal de um significante com outro significante, ou seja, a cadeia significante.

Então o desejo estaria posto na cadeia significante. Já dissemos que a ele faltará um objeto, mas como caracterizá-lo?

Até aqui podemos sintetizar dizendo que desde Freud o objeto do desejo é perdido, uma falta que se presentifica.

Em busca da realização desse encontro decorrerá uma série substitutiva, que manterá a condição faltosa desse objeto, uma rede tecida pela contingência faltosa e, portanto, deslizante continuamente. Isso estabelece a irredutibilidade do desejo à necessidade e constitui a operação que Lacan chamará de metonímia.

O desejo é da ordem do simbólico e pressupõe a cadeia significante que, por sua vez, é engrenada na relação com o significado e segundo dois eixos: de contiguidade e de similaridade.

Metáfora e metonímia representam esses dois processos respectivamente e correspondem, em Saussure, ao eixo paradigmático e sintagmático, que executam no 1º caso a substituição de um termo pelo outro e, no 2º caso, possibilitam a idéia de contexto e de ligação¹¹.

É com o recurso da elaboração do Real, Simbólico e Imaginário que Lacan encaminhará a questão do desejo.

Antes de galgar o plano simbólico, o desejo se estatui no plano do imaginário na referência ao outro ou à imagem do outro que o constitui.

Aí encontramos a formulação de Lacan da fase do espelho, a partir da qual ele afirma que “o desejo do homem é o desejo do Outro¹²”. Então temos que o desejo não é outra coisa senão aquilo que faz passar ou tende a fazer passar do segundo significante para o primeiro.

Tomaremos esse “um” e esse “outro” como termos que estabelecerão o circuito dessa cadeia, que é a própria cadeia do desejo.

Lacan designa por S1, ou significante unário, o primeiro significante, aquele que aparece como desejável, e S2, ou significante binário, a esse outro significante, a partir do qual o primeiro pode estabelecer-se em sua significância.

Concluimos desse ponto que ser segundo o significante é efetivamente desejar e que o significante desejável não é o “um” em si mesmo, mas se constitui a partir do outro significante.

O que daí resulta é que, desta forma, é dado o modo de ser desejável e, conseqüentemente, uma radical desilusão, ou seja, S1 só se torna desejável a partir de S2. Impõe-se, assim, a condição

¹¹ Ver adiante, a esse respeito, “Entre a Linguística e a Psicanálise”.

¹² Lacan, J. (1998[1960]) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.829.

irrefutável da singularidade do desejo e, por isso, Lacan dirá que o significante em relação ao objeto nele desejado é sempre um semblante.

Talvez seja pertinente recorrermos a uma imagem do cinema, que com sua expressividade tão próxima da onirologia ilustra bem certas construções psicanalíticas.

Há um filme de Buñuel, uma produção francesa, chamado “Esse obscuro objeto do desejo”, que parece conter a essência do que aqui estamos tentando dar conta, que é essa evanescência do objeto do desejo humano, tão imperioso por ser indestrutível.

Trata-se de um homem e uma longa trajetória, verdadeiro crochê de agulha enigmática, conduzido na direção de uma mulher por um tal propósito obstinado, que faz disso todo o sentido.

No cerne de toda sua matéria plástica, o filme trata de apontar um sentido, ou seja, as vicissitudes do desejo.

O que de curioso e espetacular se monta é que a mulher, obstinadamente perseguida por este homem tomado de amor, é representada por duas atrizes.

Este recurso é mesmo assombroso, pois confere o caráter de estranheza ao espectador, que, por vezes, nem percebe o truque.

Mas é dado que, a cada vez que o homem se aproxima desta mulher, e mesmo quando dela fica muito perto, como se estivesse por haver uma ligação, a atriz é mudada e, novamente, um conjunto circunstancial da trama o faz, mais uma vez, reconduzir-se a uma tal procura.

O filme metaforiza a obscura e fugidia propriedade do simulacro de um objeto inexistente para o desejo humano.

Mas falar de desejo impõe ainda, para finalizar, remetermo-nos aos conceitos de demanda e amor, de Freud a Lacan.

Freud situava o desejo entre os termos Eros e Libido. Ocorre que o termo Eros era utilizado, por ele, indiscriminadamente, como relativo ao amor, à pulsão e ao desejo. Isso remete a uma imprecisão que coloca dificuldades inoperantes para a construção dessa engrenagem. Quando aludimos ao pulsional, situamos no sujeito uma exigência peremptória ao Outro.

O amor, no entanto, é aprisionado ao signo do amor do Outro, logo, intrínseco à demanda, a qual se insurge de uma falta no sujeito, que, como nos ensina Lacan, pede testemunha de que lhe falta algo. Segundo Freud, lido por Lacan, o avatar da demanda na clínica psicanalítica é transformar-se em desilusão.

Freud afirmava que a falta é operada pela castração, e Lacan representava essa operação com $\phi -$, que incide sobre o objeto faltoso representado pelo falo. É em torno desse objeto que se estabelecerão o que Freud chamou de estruturas clínicas, a saber: neurose, psicose e perversão, e que Lacan sistematizará, numa estrutura relativa à castração, na trama do circuito fálico representada por tropos de linguagem.

O desejo, junto com a engrenagem que lhe conduz, é, portanto, o trilho indefectível por onde transcorre uma verdade singular, sempre velada e sobre a qual a Psicanálise se detém situando sua ética: a ética do desejo, do inconsciente estruturado como uma linguagem.